

## BRASILEIROS IMIGRANTES NOS ESTADOS UNIDOS E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: PRÁTICAS DE LÍNGUA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO

Rafael Barbosa Lucas<sup>1</sup>  
Sueli Siqueira<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo consiste em analisar o fenômeno da variedade linguística na experiência migratória de brasileiros nos Estados Unidos. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se um recorte de uma pesquisa dissertativa, da qual foram selecionadas entrevistas realizadas com 06 sujeitos. A análise dos dados foi feita mediante *análise dialógica do discurso*, com base em Mikhail Bakhtin, além de contribuições da sociolinguística. A prática de língua de imigrantes brasileiros concretiza-se em variedades imbricadas, conjugando variações na língua inglesa, na própria língua portuguesa, como também em combinação com outras línguas, como o espanhol, uma vez que os Estados Unidos abrigam nativos, mas também outros imigrantes, com etnias e línguas diversas. Nesse contexto, em uma perspectiva dialógico-discursiva, a variedade é, sobretudo, relacional, configurando-se de acordo com a identidade e experiências dos interlocutores, como também em relação ao ambiente e situação em que se pratica a língua, podendo essa variação ser lida mediante uma heteroglossia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migrações. Variação Linguística. Dialogismo.

**ABSTRACT:** The objective of this paper is to analyze the phenomenon of linguistic variety in the migratory experience of Brazilians in the United States. To achieve this objective, a cut of the study *Lingua(gem) e a territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*, was selected interviews were conducted with 06 individuals. The analysis of the data was made through *dialogical discourse analysis*, based on Mikhail Bakhtin, in combination with basic principles of sociolinguistics. The practice of the language by Brazilian immigrants materializes in imbricated varieties, combining variations in the English language, in the Portuguese language itself, as well as in combination with other languages, such as Spanish, since the United States has natives, but also other immigrants, with diverse ethnicities and languages. In this context, in a dialogical-discursive perspective, the variety is, above all, relational. It is configured according to the identity and experiences of the interlocutors, as well as in relation

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras: Língua Portuguesa/Inglesa e suas respectivas literaturas, pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. Mestrado Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território, com ênfase em estudos discursivos da língua, território e migrações, pela Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Bolsista CAPES/UNIVALE. E-mail: [rafaelb.lucas@hotmail.com](mailto:rafaelb.lucas@hotmail.com).

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Ciências Sociais, com ênfase em migrações, pela ISCT Lisboa. Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. E-mail: [suelisqueira.gv@gmail.com](mailto:suelisqueira.gv@gmail.com).

to the environment where the language is practiced. And this variation can be understood from a heteroglossic approach.

**KEYWORDS:** Migrations. Linguistic Variation. Dialogism.

## Introdução

O fenômeno emigratório<sup>3</sup> de brasileiros para os Estados Unidos (EUA) teve como um de seus principais pontos de partida a cidade de Governador Valadares, Minas Gerais. Um dos acontecimentos que preparou as partidas dos mineiros com finalidade de trabalho aconteceu na década de 1960, quando dezessete jovens que estudavam em uma escola de inglês da cidade foram para os EUA participar de um intercâmbio estudantil. Ao retornarem, esses sujeitos trouxeram informações sobre as possibilidades de viver o sonho americano, estimulando o imaginário de outros sujeitos sobre tentarem a vida na terra do *Tio Sam*. Como as idas das pessoas começaram a ficar recorrentes, ao longo do tempo constituíram-se diversas redes sociais de imigrantes, atenuando os riscos nesses movimentos. Na segunda metade da década de 1980, em um cenário de crise econômica nacional, aconteceu então um grande *boom* emigratório de moradores locais para os EUA, especialmente da classe média, na busca de melhoria de vida ou preservação de alguns privilégios econômicos que começavam a ser ameaçados. Desde então, as idas se tornaram ininterruptas, desenvolvendo na cidade uma cultura migratória, com destaque especial, para os EUA (SIQUEIRA, CAMPOS e ASSIS, 2010).

Ao chegarem a seu destino, que não se limita a um deslocamento exclusivamente geográfico, esses imigrantes deparam-se com um contexto social de etnias diversas: o norte-americano, nativo; e imigrantes diversos, que fazem parte de outros fluxos migratórios, trazendo em si motivações variadas para a estada no país, no plano individual ou coletivo. Em um contexto heterogêneo, as relações com os diversos grupos são inevitáveis, especialmente no âmbito do trabalho. Nesses encontros, que não são apenas de corpos, cada sujeito traz consigo sua língua nativa, ativamente em confronto com outras formas de língua, situação que, por si só, pode ser qualificada como um campo pertinente aos estudos voltados para a variação de línguas concretizadas por sujeitos reais e em contextos reais.

---

<sup>3</sup> O termo *emigração*, em que o prefixo *e-* tem o sentido de *para fora*, refere-se ao ato de sair de um ponto geográfico em direção a outro. Quanto ao termo *imigração*, em que o prefixo *i-* significa *para dentro*, refere-se à entrada em um lugar. Por sua vez, *migração*, com a ausência de prefixo, tem o sentido de deslocamento, sem uma ideia intrínseca de saída ou de entrada.

Segundo Bakhtin/Volochínov (2010), a língua concretizada por falantes reais é essencialmente social, não se limitando a um ato individual. Em um contexto multifacético de pessoas e de seus traços culturais, como é o caso do contexto migratório estudado, as práticas de língua dos sujeitos não ocorrem em uma simples medida de conhecimento, mas se realizam dialogicamente. Nessa direção, a língua é apontada neste artigo como língua valorada e atualizada ao efetivar-se entre sujeitos, sobrepondo a qualquer forma aparente de língua de fronteiras estáveis. Dessa forma, foram consideradas algumas contribuições dos estudos sociolinguísticos, mas, acima de tudo, culminando com ideias difundidas no dialogismo bakhtiniano.

Dada essa contextualização, o objetivo deste artigo consiste em analisar discursivamente o fenômeno da variação linguística na experiência migratória de brasileiros nos EUA, sem, no entanto, pretender alguma exaustividade ou classificações sociolinguísticas. Destaca-se, de modo especial, as relações sociais e discursivas desses sujeitos no contexto migratório, consideração necessária para que se compreenda a materialização de suas práticas de língua. Portanto, foi dada aqui uma atenção especial ao modo dos atores sociais distinguirem as formas de língua, evitando-se qualquer ocupação em descrições linguísticas.

### **A heterogeneidade da língua concretizada: a variação linguística e a heteroglossia**

Nos estudos saussurianos, do início do século XX, dado o seu ponto de vista estabelecido, a língua foi percebida como um sistema autônomo e separada das práticas reais entre os falantes. Em contrapartida, a *sociolinguística*, termo que veio a ser fixado nos anos de 1964, buscou relacionar a linguagem com a sociedade. Segundo Bright (1974), organizador do congresso no qual se definiu esse estudo, as dimensões do objeto da sociolinguística podem ser assim pontuadas: a identidade social do emissor ou falante; a identidade social do receptor ou ouvinte; e o contexto social no qual ocorre a comunicação.

Hymes (2002), estudioso presente no congresso, também ligado aos estudos da sociologia e da antropologia, atesta sobre a variedade linguística ao afirmar que é natural que as pessoas tenham variados modos de fala, situação que não significa que essas variedades se constituam línguas diferentes. Como aponta o autor, as pessoas e comunidades não são limitadas a um falar monolítico e inalterado. Ao contrário, seja como sinal de respeito, insolência, sarcasmo, distância ou intimidade, elas se expressam de variadas formas. Em outras palavras, a ocorrência de variedades linguísticas faz parte do uso real de línguas entre os

sujeitos. Além disso, as variedades podem ganhar configurações específicas, seja no interior de uma mesma língua ou na combinação com outras, dependendo do contexto.

Envolvido por esse pensamento, Hymes (2002) situa a sociolinguística como um movimento em que a língua se relaciona com categorias sociológicas ou como a mediação entre linguística e ciências sociais como um todo. Quanto ao objetivo da sociolinguística, o autor afirma:

[...] O seu objetivo é explicar o significado da linguagem na vida humana, não nas frases superficiais e abstratas que podem ser encontradas em ensaios e livros, mas nas vidas humanas concretas e reais. Para conseguir isso, o pesquisador deve desenvolver formas adequadas de descrição e classificação, a fim de responder a novas perguntas e dar às questões atuais uma nova abordagem (HYMES, 2002, p.59, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Ainda sobre a sociolinguística, Alkmim (2005) destaca que, em qualquer comunidade de fala estudada, a variação ou diversidade linguística é uma constatação imediata, pois língua e variações são inseparáveis. A variedade, na verdade, constitui o fenômeno linguístico. As abstrações homogeneizantes, como qualquer perspectiva de invariabilidade, reduzem a compreensão do fenômeno da língua.

Conforme a autora, as mudanças podem ser diacrônicas, como o ocorrido no uso de *Vossa Senhoria*, no português do Brasil; e podem ser também sincrônicas, em que pode ocorrer *variação geográfica* (ou *diatópica*) ou *variação social* (ou *diatrática*). No primeiro caso, as variedades podem ser percebidas no plano lexical, fonético e gramatical, em uma relação direta com o contexto geográfico de uso. No segundo caso, da *variação social*, a variedade está relacionada aos fatores identitários dos falantes e à organização sociocultural da comunidade. Os fatores relacionados a essa variação podem ser: *classe social*, *idade*, *sexo*, bem como *situação ou contexto social*, referindo-se às diversas situações em que o falante muda sua fala para adequar-se socialmente perante seu interlocutor (ALKMIM, 2005).

Entretanto, ainda que esses estudos avancem com a inserção dos sujeitos falantes na compreensão do fenômeno da língua, muito do trabalho realizado na sociolinguística preserva abstrações, a exemplo da ideia do encontro de línguas em fronteiras estáveis (BAILEY, 2007). Rompendo com uma concepção de língua como entidade abstrata, como na dedicação saussuriana à *langue*, Bakhtin/Volochínov (2010) dedica-se a pensar a língua em seu uso, ou

---

<sup>4</sup> [...] Su meta es explicar el significado del lenguaje en la vida humana, no en las frases superficiales y abstractas que pueden encontrarse en ensayos y libros de texto, sino en las vidas humanas concretas y reales. Para lograrlo, debe desarrollar modos adecuados de descripción y clasificación, con el fin de responder a nuevas preguntas y dar a las preguntas actuales un nuevo enfoque.

seja, enquanto fenômeno concretizado. Como prática da vida real, a língua é, acima de tudo, um fenômeno social, realizando-se através da enunciação ou enunciações.

[...] A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 127, grifo no texto).

Como se nota, a interação verbal é o que constitui a realidade da língua, na qual não se admite uma realização monológica. Com base nesse pensamento, todo discurso seria permeado de outros discursos, não podendo ser puro. Segundo o autor, os discursos são apenas um *elo* em uma corrente de comunicação que não cessa.

Apesar de não ter proposto uma teoria acabada, Bakhtin deixou pontuações que ajudam a compreender o seu *dialogismo*. Primeiramente, o autor pontua que a organização da língua como um sistema estável de formas normativamente idênticas é tão somente uma abstração científica com finalidades particulares, não devendo ser confundida com a realidade concreta da língua. Em segundo, a língua, que deve ser compreendida pela interação social entre locutores, constitui um processo de evolução contínuo. Em terceiro, as leis da evolução linguística, longe de serem leis psicológicas individuais, devem ser compreendidas como essencialmente sociológicas. Em quarto lugar, a criatividade da língua, que, embora não corresponda à criatividade artística ou outra forma de criatividade ideológica específica, não deve, ainda assim, ser compreendida dissociada dos valores ideológicos ligados a ela. Por fim, é inegável o caráter essencialmente dialógico da estrutura enunciativa, ou seja, o enunciado se efetiva na relação entre falantes, não sendo possível seu entendimento como um ato estritamente individual (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010).

Em um caminho diferente das abstrações propostas pelo estruturalismo, como na eliminação do sujeito falante, Bakhtin/Volochínov (2010) concebe a língua como indissociável das relações humanas. Como parte da vida real, a língua, para o autor, não é algo que se toma para si, mas é bem representada pela imagem da ponte e do território comum aos interlocutores. Ela é, sobretudo, um fenômeno social.

Sendo assim, o dialogismo não deve ser reduzido a alguma contenção da diversidade teórica que Bakhtin e o *Círculo*<sup>5</sup> desenvolveram. Por outro lado, por mais dinâmico que possa

<sup>5</sup> Vidon (2013) aponta que Bakhtin participava de grupos de estudos filosóficos, algo comum na URSS. E foi em Nevel, Rússia, que se formou o principal desses grupos, o círculo filosófico de Nevel, em que participaram, além do próprio, Volochínov, Zubákin, Maria Iudina e Kagan, o mais próximo de Bakhtin.

ser o sentido do dialogismo, a dinamicidade da proposta bakhtiniana não é fluida ao ponto de não ser possível uma tessitura dos pensamentos ali desenvolvidos. Como afirma Arán (2006, p.89), “[...] o dialogismo é mais do que um conceito, é um postulado que, condensando a imaginação das dinâmicas históricas e sociais, atravessa todos os conceitos, une-os e lhes dá sentido”<sup>6</sup>.

Em uma aproximação do dialogismo às questões sociolinguísticas, Bailey (2007) realiza uma análise sobre usos de língua de imigrantes dominicanos nos EUA, baseando-se na compreensão de *code-switching* como um modo de discurso. O autor utiliza a noção bakhtiniana de *heteroglossia* para interpretar os usos das línguas inglesa e espanhola no contexto de migração ao perceber os limites da sociolinguística tradicional na análise de enunciados híbridos. No seu entendimento e aplicação do termo, o uso alternado de línguas, em vez de ser visto na centralidade do material linguístico, é tratado em relação ao modo dos atores sociais distinguirem as formas de língua, sem que conceituações sejam impostas *a priori*. Na percepção do autor, em consideração aos atores sociais envolvidos, as fronteiras entre duas línguas são apagadas ao serem usadas alternadamente, não havendo oposições rígidas.

Postas essas reflexões, a prática de língua dos sujeitos imigrantes deste estudo foi entendida com interrogações pertinentes aos estudos sociolinguísticos, mas, sobretudo, com uma concepção e interesse pela língua enquanto uma prática discursiva, conforme observado no dialogismo bakhtiniano. Ao final da análise, será percebido o destaque dado a essa categoria elencada, a heteroglossia, como a outras que serão apresentadas, a seguir, fundamentais para a leitura da prática de língua no contexto migratório estudado.

### **Uma análise dialógica do discurso como caminho metodológico**

Como destacado anteriormente, o objetivo deste artigo consiste em analisar o fenômeno da variedade linguística na experiência migratória de brasileiros nos EUA. Deve-se salientar, contudo, que o fenômeno variacional da língua foi compreendido através de uma noção de língua dialógica, na qual ele é visto como essencialmente interacional, não podendo ser considerado como um ato isolado do indivíduo. Nesse exercício, foi dada uma grande importância aos depoimentos e aos valores apresentados pelos sujeitos entrevistados.

Para alcançar o objetivo proposto, foi utilizado um *corpus* composto por entrevistas realizadas com 06 sujeitos, um recorte da pesquisa *Lingua(gem) e a territorialização de*

---

<sup>6</sup> [...] el dialogismo es más que un concepto, es un postulado que al condensar el imaginario de la dinámica histórica y social, atraviesa todos los conceptos, los une y les otorga sentido.

*imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*<sup>7</sup>, que, em sua composição original, consistia em um conjunto de entrevistas realizadas com 11 indivíduos. Destaca-se ainda que os 11 sujeitos selecionados para a referida pesquisa saíram do universo de outra pesquisa: *Perfil de Saúde de Imigrantes Brasileiros Retornados à Governador Valadares – 2015*, na qual o pesquisador, como bolsista de iniciação científica (IC), no Núcleo de Estudos Multidisciplinar Sobre o Desenvolvimento Regional (NEDER), da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), atuou em campo e na formatação dos dados. Na pesquisa *Lingua(gem) e a territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*, os entrevistados responderam a um roteiro de questões abertas, possibilitando um momento de liberdade para esses indivíduos contarem sobre suas experiências com a língua.

Quanto às características dos sujeitos entrevistados, tratavam-se de imigrantes brasileiros que partiram de Governador Valadares, Minas Gerais, para os EUA, retornando para a mesma cidade depois de algum período superior a um ano. O *corpus* selecionado ainda teve as seguintes características de composição: 01 mulher e 05 homens; maiores de dezoito anos; enquanto residentes nos EUA, trabalhadores em serviços que exigiam especialmente a força física, ou seja, trabalhadores laborais; retornados à referida cidade a partir dos anos 2000; todos capazes de relatar sobre suas experiências com a língua.

No tocante à análise dos dados, ela foi realizada mediante uma *análise dialógica do discurso*, com base no dialogismo bakhtiniano, além de algumas contribuições da sociolinguística. A compreensão de variedade linguística neste artigo, levando em consideração essa combinação, foi especialmente discursiva. Portanto, o ponto de vista de língua aqui foi o da língua enquanto prática social, língua dialógica e variante.

Nesse sentido, em uma *análise dialógica do discurso* (ADD), não existe uma regra rígida para o ponto de partida. Também não há registros de algum método generalizável ou que se deva repetir minuciosamente. Segundo Brait (2008), o conjunto das ideias difundidas no *Círculo* motivam o nascimento de uma *análise/teoria do discurso*. Nessa análise, ainda conforme a autora, em vez de um tratamento a partir de categorias fechadas em direção à análise do conjunto, parte-se do conjunto de dados para a formulação de categorias. Bakhtin (1997),

---

<sup>7</sup> O projeto de pesquisa usado para a execução deste trabalho, sob o título *Lingua(gem) e a territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*, foi submetido à apreciação ética aos 08/09/2016, com aprovação aos 20/09/2016 (CAAE 59688216.0.0000.5157). A pesquisa, composta por 11 entrevistas, foi executada em função de um trabalho dissertativo, com o título: *Práticas de língua inglesa na territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*, aprovado aos 30/03/2017. Este artigo, com a devida adequação e desenvolvimento próprio, é uma consequência do trabalho referido.



por exemplo, em sua análise da literatura dostoievskiana, descobre o *gênero polifônico* a partir da leitura do conjunto, e não o inverso.

Rohling (2014), em uma perspectiva epistêmica e por meio de ideias difundidas por Brait (2008), argumenta que as categorias, observadas ou apreendidas no percurso da pesquisa, emergem das relativas regularidades dos dados. Além disso, a autora ressalta que as categorias de uma pesquisa não podem ser reproduzidas rigidamente em outras, uma vez que o dado é sempre um discurso concreto e singular, proferido em um determinado espaço e tempo e por determinados interlocutores.

Contudo, em uma análise dialógica requer-se alguns procedimentos elementares, não sendo pertinente uma espécie de *vale-tudo*. Deve-se ter conceitos capazes de direcionar e demarcar a partida, ponderando que extremos, em qualquer direção, não estão de acordo com o pensamento compreendido no dialogismo. Assim, Rohling (2014) aponta conceitos basilares para uma ADD, que são: *enunciado, sujeito, dialogismo, discurso e gêneros do discurso*, destacando a noção de *discurso*.

Mediante isso, destacam-se neste artigo alguns momentos principais da investigação: coleta de dados, que se fez por meio de entrevistas com questões abertas; transcrição das entrevistas; leitura dos dados, percebendo as suas delimitações discursivas e os pontos de densidade dialógica; e o último passo, sem qualquer hierarquia entre as partes, apontamento e distinção no texto de depoimentos sobre a prática de língua e as regularidades apresentadas nos dados, considerando, sobretudo, as ocorrências de variação linguística ou elementos pertinentes para o entendimento do caso estudado. Desse exercício, em consideração às regularidades enunciativas apresentadas, emergiram as seguintes categorias: *língua dialógica, variação, compreensão responsiva ativa, gênero discursivo e heteroglossia*, as principais evidenciadas na análise.

### **A multietnicidade no contexto migratório e a variação de língua: análise de dados**

O cenário estadunidense, multiétnico, agrega personagens de diversos pontos do mundo. Dependendo do lugar em que se esteja no país, será muito mais fácil encontrar outros grupos étnicos do que propriamente nativos. Como Margolis (1994) relata a respeito de *Newark*, no estado de *New Jersey*, por exemplo, além da concentração de brasileiros no local, há muitos portugueses. Dessa forma, a vizinhança, os colegas de trabalho, os empregadores e os donos de comércio podem compor grupos de diversas nacionalidades.



Junto aos indivíduos estão suas culturas, suas histórias, suas línguas, seus sotaques (na sua própria língua e na língua inglesa), seus hábitos, seus estereótipos adquiridos no contexto migratório, seus papéis, que se mesclam às interações e às marcas da cultura local. Na verdade, ser imigrante nos EUA, em um sentido relacional, pode significar estar em várias partes do mundo ao mesmo tempo, no que se refere à aparência e materialidade próprias do contexto de migração, capaz de conjugar tempos e espaços complexamente.

Sobre essa diversidade de alteridades, destaca-se o mundo do trabalho, que tem um caráter especial em relação à pluralidade de etnias, proporcionando encontros inevitáveis. De fato, os EUA abarcam uma pluralidade étnica em diversos âmbitos do mercado de trabalho: no comércio, nos telefonemas de telemarketing<sup>8</sup>, na paisagem, nos estabelecimentos de alimentação, refletindo a presença multiétnica dos atores que compõem o mercado de trabalho em que se insere o imigrante brasileiro. Nesse contexto diversificado, além da variedade étnica da mão de obra, há também tal variedade entre os empregadores. Há imigrantes brasileiros que trabalham para hispanos, portugueses, cabo-verdianos, norte-americanos, guatemaltecas, iraquianos, entre outros (LUCAS, 2017). O relato de Antônio<sup>9</sup>, que teve patrão iraquiano e um colega de trabalho africano, aponta para essa realidade:

Antes d'eu trabalhar n... nessa... nessa empresa, fui trabalhar com uma numa outra, n... numa cidade chamada de... chamada Boricua [Termo usado para designar os porto-riquenhos. Trata-se de uma comunidade, e não de uma cidade] e o dono lá era um árabe. É mais difícil ainda. Um... um... um árabe, não, é... é... ele era iraquiano. E ele mexia só com carro, carro de luxo. Era Ferrari, Lamborghini, é... é... Lotus... Ê ele... Mercedes pra ele lá e BMW ele não gostava nem que entrasse na oficina dele. O cara era enjoado demais.

.....  
E, nessa outra lá, quando eu cheguei na outra empresa, aí tinha esse africano que era... a... é... é... uma pessoa muito calma, ele era até do exército d... saiu do exército do Sudão e foi trabalhar lá; já tinha cinco anos trabalhano lá. Mas ele, quando ele, quando o... o... o... o chefe falava comigo o que era pra mim fazer um serviço, ele sabia, vinha, me explicava. Quando eu n... quando ele me explicava, ele escrevia ou até desenhava lá. Então, ele me ajudou n... demais dessa forma. Até difícil encontrar pessoas hoje assim com a paciência, com interesse in... in ajudar as pessoas (Antônio, 54 anos).

Lara (2017), ao tratar do paradoxo da identidade imigrante/refugiado em geral, destaca que o discurso desse sujeito está apoiado na semântica de base denominada *identidade vs. alteridade*, ou seja, entre um *nós* e um *eles*. Nessa lógica, pode-se compreender que, enquanto as suas relações com outros grupos podem estar distanciadas pela nacionalidade ou estereótipos

<sup>8</sup> Há relatos, por exemplo, sobre o marcante sotaque característico, na língua inglesa, de indianos que trabalham em atendimentos comerciais via telemarketing.

<sup>9</sup> Nome fictício, para preservar a identidade do entrevistado. Esse procedimento se repete em relação às demais identificações de entrevistados.

contrastantes, elas podem parecer próximas pela condição estrangeira compartilhada e pela condição de serem trabalhadores imigrantes. Há indivíduos brasileiros que estabelecem muito mais relação com imigrantes de outras etnias, como vietnamitas, do que com norte-americanos, apesar das distâncias culturais com os primeiros serem maiores. Essa assimilação e ligação com outros imigrantes, que podem ultrapassar as relações funcionais de trabalho, são relatadas por alguns sujeitos.

Fiz, fiz dois amigão lá, um da Guatemala e ou... outro, peruano [...], o Marcos e o Rosermo, que que até hoje têm contato comigo [...]. Era, era tranquilo porque eles já vinham já duns... muitos anos de América. Já sabia falar um português bem [...]  
(Douglas, 40 anos).

Tinha. Tinha amizade com... com muitas meninas do México [...] e de Porto Rico...  
(Neuza, 50 anos).

Eu não tô falano... Por isso é que eu me entrosava mais com vietnamitas, com... com japoneses do que com americanos. Eu me... as minhas turmas... eu participava de festas, além das brasileiras, claro, é... de outros grupos minoritários, entendeu? Eu não tinha muita, muita, muito entrosamento com o americano propriamente dito, ou o *red neck*, o cara branquinho do olho azul, do olho... Entendeu? Dá pra entender? [...]  
(Jorge, 50 anos).

Como é possível observar, no caso de Douglas, há o facilitador da proximidade linguística com as suas alteridades e a capacidade de comunicação em língua portuguesa dos seus parceiros. No caso de Neuza, há também o fator relacionado à proximidade linguística com o castelhano, embora o inglês também seja língua oficial em Porto Rico. Entretanto, essa lógica é quebrada no terceiro depoimento, em que a relação do imigrante brasileiro era com um vietnamita. As práticas comunicativas nessa relação, segundo o entrevistado, eram realizadas muito mais por formas extralinguísticas do que pela comunicação verbal<sup>10</sup>.

No que se refere aos papéis assumidos pelos sujeitos, há também os imigrantes brasileiros que empregam outros imigrantes brasileiros ou de outras etnias para trabalharem em suas franquias de limpeza ou construção civil, por exemplo. O relato de Washington, em que o entrevistado, antes empregado, se tornou empregador, reforça a ideia da pluralidade étnica contida no mercado de trabalho imigrante ao afirmar: “Hispanos. No... na... min... no meu meu time de funcionários, eu... nós tivemos, já tivemos hondurenhos, mexicanos, é... é... costarriquenhos. Então, aí era...” (Washington, 39 anos).

Conforme os relatos, enquanto Antônio era colega de trabalho e empregado de imigrantes de outras etnias, Douglas, como Neuza e Jorge, além de colegas, fizeram amizades

<sup>10</sup> A relação desse entrevistado com o seu amigo vietnamita, em que outros modos discursivos eram acionados nas falas, será retomada em artigo posterior, com objetivos mais apropriados para a discussão.

com pessoas de outras nações. No caso de Washington, sua relação com as pessoas era de empregador de brasileiros e imigrantes de outras origens, ou seja, de uma forma particular, ele era patrão perante sua multiétnica equipe de funcionários. Por assim ser, deve-se destacar que as relações sociais, em que se alteram as posições de falante e ouvinte, refletirão na prática de língua dos sujeitos envolvidos, pois a língua que se concretiza não é neutra e dissociada de seus praticantes, mas dialógica e sensível às relações humanas envolvidas.

Para Bakhtin/Volochínov (2010), a prática da palavra é essencialmente relacional, de forma que ela se dirige a um interlocutor. Segundo o autor, ela variará conforme a função desse interlocutor com quem o falante a usará, considerando: o fato desse a quem se fala fazer parte ou não do seu grupo social; as hierarquias envolvidas; como também a questão do destinatário estar ligado ao falante por laços estreitos ou não. Seja como for, não pode haver interlocutor abstrato e, conseqüentemente, não há neutralidade na prática verbal.

Nas relações do imigrante com suas alteridades e práticas de língua, naturalmente, acrescenta-se a figura do norte-americano. Adianta-se que os nativos, falantes da língua inglesa, não constituem um conjunto de indivíduos que falam uma forma de língua inglesa homogênea e estável, mas formas heterogêneas de inglês. O relato de Washington é ilustrativo no que se refere à complexa materialidade linguística apresentada nesse contexto.

Então, por exemplo, você tem (1) o americano do sul, que é o George Bush. Só você ouvir uma entrevista do Bush, que é aquele inglês pelo nariz, é... tem o *red neck*, que... O George Bush é um *red neck*, mas ele fala o inglês, o... o inglês próprio, correto [...]. Então, quando você encontra com um americano branco de construção, que é o *red neck*, do sul dos Estados Unidos, é outro inglês, cara. A negativa é diferente. Eles usam o inglês diferente, extremamente nasal a pronuncia. (2) Os negros americanos, outra língua. Outra língua. Um inglês totalmente abreviado, gírias próprias, palavras próprias... Então eu fui conseguindo notar essa diferença en... entre... entre a língua inglesa nos diferentes grupos de americanos [...], né? Então, quando você vai à (3) Nova Iorque, é outro inglês. Você vai à (4) Califórnia, é outro inglês. Os sotaques diferentes. ‘Tão com o tempo lá você consegue já, é... é... perceber isso nas, nas conversas, nas falas das pessoas [...] (Washington, 39 anos)<sup>11</sup>.

No interior dos EUA, como em outros contextos de língua inglesa, não há uma forma monológica de falar, fato que se repete nas línguas em geral. Apenas para exemplificar a questão no âmbito da *variação geográfica*, conforme Holmes (2013), nos Apalaches rurais norte-americanos pode-se ouvir pronúncias de verbos com um prefixo *a-*, tais como *a-fishin* e *a-comin*. Na região leste, além da palavra *dragonfly*, que significa *libélula*, são incluídos os termos *darning needle*, *mosquito hawk*, *spindle*, *snake feeder*, *snake doctor* e *snake waiter*.

<sup>11</sup> A numeração foi adicionada pelo pesquisador, não compondo o relato do entrevistado.

Dessas expressões, apenas *darning needle* é usada em Nova Iorque. Entretanto, a partir de *darning needle*, Nova Iorque desenvolveu duas novas variantes: *dining needle* e *diamond needle*. Assim, antes de se pensar em uma língua inglesa homogênea, é preciso considerar a sua variedade de formas ao ser concretizada pelos seus falantes.

Nesse contexto, o nativo é aquele que não precisa aprender o idioma do país, pois já o sabe desde a mais tenra idade. Em contrapartida, o imigrante é aquele que lida com uma língua estrangeira que ocorre de várias formas, *na qual* ou *nas quais* não tem história nem afetividade, elementos presentes na aprendizagem da sua primeira língua. Conforme Bakhtin/Volochínov (2010, p.104), “[...] a palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira. Ela não apresenta nenhum mistério [...]”. Assim sendo, a língua com a qual o imigrante se depara diz respeito a uma prática que não lhe é própria desde o nascimento, ou seja, precisa praticar uma língua estrangeira<sup>12</sup>. É como Kristeva (1994, p.100) aponta sobre o estrangeiro: “Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o *outro*”. No entendimento dessa diferenciação, a questão da língua não pode ser excluída, pois ela é onipresente na vida e nas relações humanas.

No cotidiano, o nativo é o patrão, que pode ser também o vizinho, o colega de trabalho, atuando como o personagem predominante nos diversos setores formais e departamentos públicos. Dessa maneira, os imigrantes brasileiros, que têm grande representação em Nova Iorque e Boston, por exemplo, defrontam-se com formas diversificadas do inglês, não com uma língua estável e higienizada da relação com seus falantes, o que seria aceitável tão somente em uma ficção abstrata. Como no relato anterior, o sujeito ideológico lida com a língua responsivamente, atribuindo a ela valores, como em relação a sua notável variabilidade.

Com base na ideia de responsividade, conceito bakhtiniano, pode-se entender que os falantes e ouvintes não lidam com um sistema abstrato de sinais ou simplesmente com palavras como em um dicionário. Ao contrário, deparam-se com as palavras da língua como enunciados, isto é, com uma prática discursiva em que há afinidades, acordo ou desacordo, juízo de valor, entonação e expressão, que é o modo apropriado de tratar a língua em seu uso concreto. Acrescenta-se a isso o fato de que, pela categoria *compreensão responsiva ativa*, o ato de ouvir é tão ativo quanto o ato de falar (BAKHTIN, 2011). Assim, deve-se compreender que a fala é condicionada pelas relações e, concomitantemente, uma condicionante social, levando em conta que não há fala neutra, mas ela é sempre responsiva, seja para o falante ou para o ouvinte.

---

<sup>12</sup> Conforme Abbott (2001), língua estrangeira diz respeito ao uso de uma língua, como a língua inglesa, em uma comunidade que não a tem como usual na comunicação.

Essa responsividade pode ser vista em pelo menos duas direções: primeiramente, pelas impressões dos sujeitos entrevistados acerca da língua concretizada, a exemplo de sua valoração relacionada à imagem de língua de fronteiras instáveis e não conformada em alguma homogeneidade; em segundo lugar, pelo uso real de línguas, que é feito com valores ou na consideração de valores possíveis empregados pelo interlocutor. Segundo Bakhtin (2011), o falante não é o dono exclusivo da palavra. Diferentemente, enquanto enuncia deve levar em consideração a percepção do seu destinatário, como as suas concepções e convicções, os seus possíveis preconceitos e as suas simpatias e antipatias.

As práticas de língua de imigrantes podem ainda assumir concorrências relativamente estáveis em relação ao contexto de uso. Por exemplo: estar em casa, especialmente para o imigrante que foi para o país na idade adulta, traz consigo a liberdade para usar a língua portuguesa com tranquilidade e sem preocupações quanto à pronúncia ou compreensão, pois essa é a língua dominada e falada pelos falantes brasileiros. Como aponta o relato de Jorge, a comunicação em casa, na língua de origem, contrastava-se com a prática de língua fora de casa, em que o imigrante se deparava com diversas eventualidades para as quais deveria usar uma língua que não era a materna.

É mais ou menos assim, ó... Cê tá em casa, tá garantida a sua comunicação, porque é só português, tá? Mas cê se prepara pra uma eventualidade. Por exemplo, vai sair de casa, cê pode ver um vizinho... Então que que cê vai falar? Se for “bom dia” é “*good morning*”, se for “boa tarde” é “*good afternoon*”, se for “boa noite” é “*good evening*”. Se for “Tchau, boa noite” é “*good night*”. Então cê se prepara pra isso (Jorge, 50 anos).

Essa relação entre formas de falar e espaços pode ser concebida mediante a ideia de *gêneros discursivos*, que são variados como são os campos da atividade humana. Segundo Bakhtin (2011, p.262, grifo no texto), “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Nesse sentido, compreende-se que não há limites para a criação social de gêneros discursivos, fato que acompanha a dinâmica da vida humana — e esta não permanece estática —, com possibilidades criativas multiformes.

Dessa forma, não se trata apenas de refletir aqui sobre uma forma ou outra de língua, como se tudo ocorresse de maneira estável, mas deve-se entender que, associada a essa faceta, há a concretização da língua em gêneros, que são ditados pelos diversos campos da atividade humana. Assim, estar preparado para discutir com um filho, em língua inglesa, sobre as suas atividades escolares, em gêneros voltados para esse campo, por exemplo, não significa que

ocorrerá da mesma forma em campos jurídicos. As exigências são pertinentes aos campos em que os falantes fazem uso da palavra, ou seja, até mesmo um simples *good morning* se efetiva em algum gênero.

Acrescenta-se a isso o fato de que, nos EUA, além das relações dos imigrantes brasileiros com grupos de cultura menos presente no contexto brasileiro, como os vietnamitas, há também com grupos de cultura mais próxima, como de indivíduos oriundos de países de língua portuguesa. Contudo, pela compreensão da variabilidade de línguas reais, as formas denominadas como língua portuguesa e praticadas nesses encontros não devem ser tomadas como homogêneas. O excerto, a seguir, ainda que implicitamente, denuncia esse fato.

Mais... morei mais com bro... brasileiros, comunidade brasileira [...]; portuguesa [...], portuguesa.

.....  
 [...] Digitava uma senha e ficava lá... quarenta, uma hora mais ou menos... [...]. Empresa de um... uó... a pessoa que era dono dessa empresa era do Cabo Verde, Cabo Verde [...]. Cabo-verdiano [...]. Era cabo... e f... e fa... fala português, né? O Cabo Verde fala português (Henrique, 43 anos).

Se estar nos EUA é estar relativamente em várias partes do mundo ao mesmo tempo, considerando a multietnicidade presente no país, não é menos diferente quanto a estar no Brasil, em relação à presença marcante de brasileiros naquele país. Não é possível precisar números, mas os imigrantes brasileiros concentram-se nos bairros das cidades, atuam no comércio, seja como funcionário ou em empreendimentos de venda de produtos étnicos; no serviço de faxina, na construção civil, entre outros espaços. Sales (1999) atenta para essa concentração na região de Boston, no estado de *Massachusetts*, considerando, é claro, que a presença de brasileiros se expande para outras cidades e estados.

Sobre essa questão, destaca-se o papel das redes sociais de imigrantes, que, segundo Massey (1993, p.448) “consiste em conjuntos de laços interpessoais que conectam migrantes, primeiros migrantes e não migrantes nas áreas de origem e destino através de laços de parentesco, amizade ou origem compartilhada [...]”<sup>13</sup>. Tilly (1990), outro teórico que adere à ideia das redes sociais em suas discussões teóricas, argumenta que a migração de longa distância acarreta riscos à segurança pessoal, ao conforto, à renda e à possibilidade de satisfazer relações sociais, dificuldades que são diminuídas através das redes.

Seguindo esse entendimento de redes sociais, Siqueira (2009) aponta que, em um país com língua, costumes e valores diferentes, esses riscos são amenizados por meio das redes

---

<sup>13</sup> Migrant networks are sets of interpersonal ties that connert migrants, former migrants, and nonmigrants in origin and destination areas through ties of kinship, friendship, and shared community origin [...].

sociais. Dessa forma, as redes interpessoais de informações estabelecidas minimizam e barram os riscos. Elas ajudam na partida do imigrante, como também no destino, diminuindo ou eliminando dificuldades que poderiam estar presentes na ausência delas. Como aponta Henrique em seu relato, não se tratava apenas de uma comunidade brasileira, mas de uma comunidade que falava uma língua que lhe era própria.

Quanto ao encontro de brasileiros com falantes de língua portuguesa de outras regiões do mundo, como de Portugal e de países do continente africano, por exemplo, a comunicação pode ser facilitada pela proximidade linguística. Segundo Margolis (1994), ao descer pela principal via comercial de *Ironbound*, na cidade de *Newark*, no estado de *New Jersey*, ouve-se mais a língua portuguesa do que a inglesa. A autora aponta para a grande quantidade de brasileiros e portugueses no local.

Conforme Castilho (2012), atualmente são nove os países que têm a língua portuguesa como língua oficial: Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Brasil, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial, o que não significa homogeneidade de falas. O autor defende a ideia de uma gramática específica para a língua portuguesa do Brasil, considerando o curso histórico da língua e suas características próprias, distinguindo-a da forma de língua portuguesa dos demais países. Assim, teríamos um português brasileiro, no caso do Brasil, e um português europeu, no caso de Portugal, por exemplo.

O autor ainda aponta para as principais diferenças entre o português brasileiro e o português falado em Portugal, destacando diferenças fonéticas e fonológicas, morfológicas e sintáticas. Um exemplo de diferença sintática é o uso do pronome *você*. Enquanto no Brasil o pronome é usado quando há intimidade entre os interlocutores (alterando-se, na fala, em *ocê* e *cê*), em contraponto a *senhor*, utilizado em situações formais, em Portugal o pronome *tu* ocupa a forma de tratamento informal, concorrendo com o pronome *você*, uma evolução de *vós*, usado até o século XVI para o tratamento formal. Segundo o autor, o português cabo-verdiano segue o português europeu. Assim sendo, ainda que o excerto não aponte para detalhes sobre a comunicação do imigrante com o seu patrão cabo-verdiano, essas explicações apontam para as diferenças e variedades presentes no contexto migratório, mesmo que entre falantes de língua portuguesa.

Por esse último exemplo e os anteriores, pode-se compreender a complexidade desse contexto migratório como um mosaico étnico e com combinações múltiplas, refletindo de forma direta na prática de língua dos sujeitos imigrantes. A depender das condições e relações sociais estabelecidas, as imbricações linguísticas podem ser as mais diversas. Os relatos de Douglas e



Washington, por exemplo, apontam para uma intercalação ou mistura entre a língua portuguesa e a espanhola, que foi identificada abaixo como *portunhol*.

É porque a grande maioria lá tamém fala... castejano, né? [...], espanhol. Aí, a gente acabava tentando falar um pouquinho do... acabava saindo mais um *portunhol*, né? [...], port... (Douglas, 40 anos).

O peruano é quase que português. Agora, o o o próprio hondurenho, tudo bem que algumas palavras têm sentidos diferentes, mas você dialoga... Quando você vai conversar com o mexicano, eu não entendia nada [...]. Porque ninguém... Quando eles estão em grupo, então, que ele que eles conversam entre eles, cê passa batido, cara. Cê num entende uma coisa... [...] Muito mais do inglês do que o espanhol deles [...]. Sem dúvida alguma (Washington, 39 anos).

Com base no dialogismo bakhtiniano, uma categoria que ajuda na compreensão desses relatos é a *heteroglossia*. Esse termo, com origem na análise de Bakhtin (2002) sobre a criação literária, refere-se à operação artística a respeito de diferentes imagens de línguas e estilos de personagens criados. Segundo Ianov (2000), a heteroglossia ultrapassa a ideia de variedades dialetais de uma língua. Em vez da variação de uma mesma língua, aponta-se para a ideia de que o falante lida com diversas formas de língua, o que se denominaria limitadamente na sociolinguística como variedades de uma mesma língua. Esse caminho pode ser mais adequado para se chegar a um entendimento da heterogeneidade envolvida nas práticas de língua desses imigrantes, nas quais há criação na produção e na assimilação de formas de língua.

Nesse sentido, o imigrante brasileiro, no complexo contexto de migração nos EUA, marcado por variedades múltiplas e sobrepostas de língua, utiliza as mais diversas combinações em suas práticas linguísticas: a língua portuguesa, considerando a diversidade apresentada entre falantes dessa língua oriundos de diversos lugares; a combinação da língua nativa do imigrante brasileiro com a língua de imigrantes de diversas etnias; e a experiência do imigrante com a língua inglesa, que não apresenta uma língua rigidamente estável, mas formas de língua inglesa, que são produzidas por nativos ou outros sujeitos. Nessas ocorrências, conforme Bakhtin/Volochínov (2010), acompanhando a prática verbal, há outros elementos discursivos, como a mímica do rosto, os gestos corporais, os gestos condicionados, entre outros, complementando as produções verbais.

Ainda com base nesse pensamento, a apropriação social do imigrante nesse contexto, enfocando as suas práticas de língua, não se reduz a uma aquisição ou não de uma segunda língua (L2)<sup>14</sup> invariável. Ao contrário, junto ao signo e sua aparência estável está a variabilidade

<sup>14</sup> Segundo Ellis (1997), a aquisição de uma segunda língua (L2) refere-se à aprendizagem de uma língua além da materna, seja dentro ou fora da sala de aula, continuando a mesma nomenclatura para uma terceira ou quarta língua aprendida, por exemplo. No presente trabalho, entretanto, não houve pretensão em investigar os processos de

linguística própria de cada língua em si, como na conjugação de formas diversas nas concretizações. Desse modo, o uso de uma língua estrangeira, seja o inglês, o português de outro local além do Brasil ou o espanhol, pode ser feito na sucessão — como em um ambiente multiétnico de trabalho —, como em concomitâncias linguísticas, quando há a imbricação de línguas nas interações estabelecidas entre brasileiros e indivíduos de outras origens, como no uso do *portunhol*. Soma-se a isso os papéis assumidos pelos falantes, a idade, os sotaques, as abreviações de palavras, a sintaxe usada e, sobretudo, a forma atualizada dessas línguas. Como aponta Bakhtin (2011), a materialização da língua é atualizada na prática dos falantes, que a reproduz em uma novidade. Isso se deve ao fato de que a prática da língua verbal não se completa senão na relação social e efetivação do indivíduo; acima de tudo, em uma perspectiva dialógico-discursiva.

Por tudo isso, dois apontamentos são inevitáveis: se, por um lado, não é possível limitar as práticas de língua de imigrantes a formas monológicas — pelo menos, sem levar junto grandes prejuízos —, contribuição que a própria sociolinguística traz acerca das variações, por outro lado, deve-se pontuar aqui que a ideia de variação de línguas pelo entendimento de fronteiras estáveis ainda é bastante incompleta para responder à questão. Como uma possibilidade de resposta, as práticas de língua ou línguas nesse contexto podem ser compreendidas em uma perspectiva criativa, com o sentido apresentado na ideia de heteroglossia, além das outras categorias discursivas elencadas. Trata-se, pois, de práticas que se atualizam no evento enunciativo, podendo ser na concomitância ou na sucessão de formas, de acordo com o modo dos atores distinguirem essas formas.

### **Considerações finais**

Diante de toda essa explanação, com o objetivo de analisar o fenômeno da variedade linguística na experiência migratória de brasileiros nos EUA, nota-se que a prática de língua dos imigrantes concretiza-se em variedades imbricadas, em que se conjugam variações na própria língua portuguesa, na língua inglesa, como também em combinação com outras línguas, como a espanhola, uma vez que os EUA abrigam uma variedade de imigrantes, com etnias e línguas diversas. Dessa forma, o fenômeno da língua, longe de ser estável, varia em conformidade com a sua concretização entre falantes reais. Nesse contexto, em uma perspectiva dialógico-discursiva, a variedade é, sobretudo, relacional, configurando-se de acordo com a

---

aquisição, mas refletir sobre a língua a partir das experiências dos sujeitos, em uma perspectiva discursiva da língua.

identidade e as experiências dos sujeitos: falantes e ouvintes, seja individual ou em grupo; como também em relação ao ambiente e à situação em que se pratica a língua. Assim, deve-se evitar qualquer tipo de fronteiras linguísticas rígidas, uma vez que o conceito de língua apresentado aqui é dialógico, essencialmente interacional, manifestando-se na dinâmica das relações humanas, atualizando-se na sua concretização.

Nesse sentido, a prática de língua de imigrantes brasileiros, com destaque para contextos de encontros culturais diversos como o estudado, passa pelo fenômeno da variedade linguística. Contudo, em uma perspectiva dialógico-discursiva, muito além de uma leitura de variedades estabilizadas, lê-se uma língua que se materializa complexamente, em que as formas de línguas reais podem ser concretizadas na aparência de línguas isoladas, com subsequências de outras formas, bem como em concomitâncias e imbricações heteroglóssicas, como no caso do *portunhol*. A isso se chega, é claro, por meio do destaque que se dá ao modo desses sujeitos distinguirem as formas de língua, sem que categorias sejam impostas *a priori*.

Na verdade, o contexto migratório de brasileiros nos EUA, como um espaço denso e múltiplo em manifestações culturais e linguísticas, possibilita uma percepção latente acerca da variedade de língua no mundo vivido das pessoas, em proporções e escalas conjugadas na aparente estabilidade e ficção dos limites zonais onde as línguas são praticadas. Desse modo, da mesma forma que a variedade de uso linguístico está presente em qualquer comunidade de falantes, também assim acontece na prática linguística de imigrantes brasileiros nos EUA, mas com uma responsividade, heterogeneidade, variação heteroglóssica e dialogismo que se atualizam na realização da língua, compondo uma materialidade e uma variedade próprias e situacionais.

## Referências

- ABBOTT, G. English as a Foreign Language. In: MESTHRIE, R. *Concise encyclopedia of sociolinguistics*. Oxford: Elsevier, 2001. p. 467-472.
- ALKMIN, T. M. Sociolinguística: Parte 1. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 21-47.
- BAILEY, B. Heteroglossia and boundaries. In: HELLER, M. (ed.). *Bilingualism: A social approach*. New York: Palgrave Macmillan, 2007. p. 257-274.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *Questões de estética e literatura*. Trad. de Aurora Feroni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-31.

BRIGHT, W. Dialeto social e história da linguagem. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p.41-47.

CASTILHO, A. T. História do português brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 169-195.

ELLIS, R. *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

HOLMES, J. M. Regional and social dialects. In: \_\_\_\_\_. *An introduction to sociolinguistics*. 4. ed. New York: Routledge, 2013. p. 131-158. (Learning about language)

HYMES, D. Modelos de la interacción entre lenguaje y vida social. In: GOLLUSCIO, Lucía (comp.). *Etnografía del habla*. Textos fundacionales. Buenos Aires: Eudeba, 2002. p. 55-89.

IANOV, V. Heteroglossia. *Journal of linguistic Anthropology*, 9(1-2), p. 101-102, Los Angeles, 2000.

KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LARA, G. M. P. Abrindo as portas: a voz dos imigrantes e refugiados. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 18(1), p. 28-48, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/26176/18557>>. Acesso em: 30 set. 2017.

LUCAS, R. B. *Práticas de língua inglesa na territorialização de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*. 2017. 179 p. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce, UNIVALE, 2017.

MARGOLIS, M. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. São Paulo: Papiros, 1994.

MASSEY, D. S. et al. Theories of international migration: a review and appraisal. *Population and Development Review*, New York, v. 19, n. 3, p. 431-466, Sept. 1993.

ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 15, n.2, p. 44-60, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/11815/8799>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SIQUEIRA, S. *Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil-Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

\_\_\_\_\_; ASSIS, G. O.; CAMPOS, E. C. As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro. Análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares. In: ABREU, J. L. N.; ESPINDOLA, H. S. (orgs.). *Território, sociedade e modernidade*. Governador Valadares, MG: UNIVALE, 2010.

TILLY, C. Transplanted networks. In: YIANS-MC, L. (ed.). *Immigration reconsidered*. New York: Oxford University Press, 1990. p. 75-95.

VIDON, L. N. Um tal Bakhtin. In: FIAD, R. S.; VIDON, L. N. (orgs.). *Em(n)torno de Bakhtin: Questões e análises*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.